

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Instituto Villa-Lobos
Licenciatura em Música

Os Quatro Pilares da Educação e a Filosofia Suzuki -
Uma Proposta de Sócio-educação Musical

Edwin Malaquias Lüdtkke

2010

Os Quatro Pilares da Educação e Filosofia Suzuki -
Um caminho possível para a Sócio-educação Musical

por Edwin Malaquias Lüdtke

Monografia apresentada para conclusão
do curso de Licenciatura em Música do
Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras
e Artes da UNIRIO, sob orientação da
Professora Dr^a Mônica Duarte e co-
orientação da Professora Mariana
Salles.

Rio de Janeiro, 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, capacidade de pensar, vontade de conhecer e por ter proporcionado as condições para que isso ocorresse, utilizando tantas pessoas importantes no caminho. Jackie, minha esposa, companheira, amiga, parceira, como te agradecer? Não existem palavras para dizer o quanto você é importante pra mim. Nada teria acontecido sem você. Pai e Mãe, obrigado pelo apoio, por acreditarem mesmo nos momentos que tudo parecia escuro. Tia Jô, seu exemplo de dedicação, seu socorro oportuno e amizade foram fundamentais. Mana, nossas conversas sempre me ajudaram a perceber que ir mais longe e acreditar sempre é possível e um bom caminho. Aos meus colegas de trabalho, nossas, as vezes longas conversas, ampliam constantemente minha visão, me ajudando a ver as coisas sob outros ângulos, ou até a ver mesmo, quando não consigo sozinho. Maria Cristina Gribel, você não tem idéia o quanto devo a você também, ter vindo até aqui. Se não fosse sua perseverança e paciência em me fazer acreditar novamente na profissão, talvez as coisas teriam tomado outro rumo. Muito Obrigado. Fábio Silvestre, tão pouco tempo nos conhecemos e quanta coisa tenho aprendido com você. Obrigado pela sua disposição em ajudar e paciência em esperar que as sementes plantadas brotem na hora certa. Tenho aprendido isso com você também. A Professora Doutora Mônica Duarte, obrigado por sua orientação. Sua visão sobre o todo e direção da pesquisa sempre bem claras, me ajudaram a organizar melhor as idéias, que não param por aqui nesse trabalho. E por fim a minha Mestra, Mariana Salles, que com seu exemplo profissional, incentivo, orientação, sempre me inspirou a encarar de forma crítica as questões e a vencer dando um passo de cada vez. A todos que contribuíram ao longo da minha caminhada direta ou indiretamente, meu muito obrigado.

LÜDTKE, Edwin Malaquias. *Os Quatro Pilares da Educação e a Filosofia Suzuki – Uma Proposta de Sócio-educação Musical*. 2010. Monografia (Licenciatura em Música). Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

Este estudo visou analisar a filosofia e o método Suzuki para violino, verificando se há aproximação do conceito de educação apresentado pela UNESCO, através dos Quatro Pilares da Educação, aplicado a um ambiente sócio-educativo, como o PROJETO GAROTO CIDADÃO (PGC). Para isso, abordamos o assunto através de fontes bibliográficas e da proposta pedagógica do PGC, desenvolvida a partir de conceitos de Paulo Freire. Verificou-se que existem, de fato, pontos convergentes em termos pedagógicos, mas que demandam atualizações metodológicas práticas, para que as ações representem concretamente a essência dos conceitos. Procuramos, por fim, apontar uma direção em que essas propostas caminham juntas, viabilizando ações sócio-educativas musicais.

Palavras-chave: Os quatro pilares da educação; filosofia e método Suzuki para violino; PROJETO GAROTO CIDADÃO; sócio-educação musical.

SUMÁRIO

1.1 Introdução	6
1.2 Objetivo	7
1.3 Justificativa	7
1.4 Metodologia da pesquisa	8
2. O Projeto Garoto Cidadão	8
3. Os Quatro Pilares da Educação	10
3.1.1 Aprender a conhecer	11
3.1.2 Aprender a fazer	13
3.1.3 Aprender a viver juntos	14
3.1.4 Aprender a ser	16
3.2 Pilares – Competências	17
3.2.1 Aprender a Conhecer – Competências cognitivas	17
3.2.2 Aprender a Fazer – Competências produtivas	19
3.2.3 Aprender a viver juntos – Competências relacionais	20
3.2.4 Aprender a Ser – Competências pessoais	26
4. Cultura pela Educação	31
5. O Método Educação do Talento	33
5.2. Reflexões sobre Método e Filosofia Suzuki	39
6. Considerações Finais	41
7. Referências Bibliográficas	44

1.1 INTRODUÇÃO

Desde que iniciei meus estudos de violino, ouço falar sobre o método Suzuki. Embora eu nunca tenha sido aluno exclusivamente Suzuki, pois sempre estudei também o considerado método tradicional, em conversa com pessoas da área me interessei em conhecê-lo melhor pela sua notoriedade em ser amplamente utilizado na época. Ao ler o livro “Educação é Amor” de Shinichi Suzuki me encantei com a sua proposta. Entendi que muito mais do que aquelas músicas que conheci, havia uma filosofia que pretendia atuar no desenvolvimento humano dos seus alunos ensinando valores, desenvolvendo habilidades a partir de uma proposta de ensino fundada no resultado da análise que o autor fez dos processos de ensino da língua materna. Ou seja, de uma linguagem familiar.

Ao começar a dar aulas utilizei o que conhecia do método, mas percebi logo uma distância entre a proposta do autor (baseada no ensino da “língua materna”) e as músicas selecionadas no primeiro volume para violino. As canções não eram conhecidas e faltavam também explicitações de exercícios para atingir os objetivos propostos em cada nível. Comecei a perceber que o encantamento da filosofia era maior do que os benefícios que a primeira etapa (volume um do método) conseguia, mesmo com inegáveis vantagens iniciais sobre os métodos tradicionais. E em muitos casos vejo que há um pensamento mais voltado para a aplicação puramente técnica do método, o que não era nem de perto a intenção expressa pela filosofia.

Mais tarde fui convidado a dar aula em uma escola onde a proposta era a mesma do professor Shinichi Suzuki. O seu método – “Educação do Talento” - estava expresso até mesmo no nome da instituição. Conheci um pouco mais de perto outras possibilidades dentro da mesma proposta. Mas foi dentro do projeto social Garoto Cidadão da Fundação CSN em Volta Redonda, que encontrei grande semelhança entre as duas propostas. Atuar no desenvolvimento social, educacional e emocional de crianças através da música e no caso específico de minha função, no ensino do violino.

O contexto apresentado pela prática pedagógica desenvolvida no Projeto Garoto Cidadão (PGC), com sua proposta pedagógica fundamentada nos quatro pilares da educação (DELORS, 1998), na pedagogia libertadora de Paulo Freire e na aplicação do método SUZUKI, para o aprendizado do violino, demanda um estudo, a fim de encontrar pontos em comum entre essas três propostas, buscando um caminho para o ensino do violino em projetos sociais, escolas de música ou até mesmo escolas da educação formal, que tenham proposta similar ao PGC.

1.2 Objetivo

O estudo busca verificar semelhanças entre os conceitos apresentados através dos quatro pilares da educação (UNESCO) e da filosofia SUZUKI, aproximados pelo ambiente sócio-educativo do PROJETO GAROTO CIDADÃO (PGC). Visa encontrar um caminho possível para a prática educativa musical voltada principalmente a projetos sociais, mas também a outros ambientes educativos, que tenham objetivos semelhantes ao PGC.

1.3 Justificativa

A configuração de um ambiente sócio-educativo musical exige estudo de sua proposta pedagógica e das metodologias aplicáveis ao ensino de instrumentos musicais ou de música, para que os conceitos sejam viabilizados na prática das ações educativas, de forma eficiente. Incoerências entre filosofia e método, podem levar a resultados diametralmente opostos aos objetivos iniciais. Daí a necessidade de tal estudo: o compromisso com a sócio-educação musical.

1.4 Metodologia da Pesquisa

O estudo analisa os temas propostos a partir de fontes bibliográficas. As partes são expostas, analisadas e relacionadas, buscando pontos convergentes sempre olhando na direção de uma proposta de ações educativas em conformidade com suas filosofias.

2. O PROJETO GAROTO CIDADÃO

Há cerca de três décadas os projetos sociais que envolvem a música vem se avolumando como parte de um processo político de minimização das desigualdades entre as classes sociais. Cada projeto, em geral, pela própria estrutura de sua organização, se constrói sobre a plataforma das idiossincrasias de cada grupo no qual está inserido. Inicia-se com a percepção das necessidades de uma determinada comunidade e a formulação de um plano de ação compatível com o atendimento dessas demandas, ao nível das atividades competentes aos organizadores ou idealizadores dessa ação social. No seu desenvolvimento, a flexibilidade inerente à própria natureza das ações sociais, vai agregando ao programa educativo as peculiaridades dos grupos

envolvidos. Os educadores, educandos, comunidade, instituições são atores ativos, que protagonizam a própria história sempre dialogando com, no caso das artes, o mundo real e a subjetividade, numa relação de reconhecimento, construção ou reconstrução de sua própria identidade perspectivando possibilidades de transformações nos campos pessoal, social, intelectual, cultural, etc. (Kleber, 2006).

A Fundação CSN, pertencente a própria Companhia Siderúrgica Nacional, iniciou a partir de 1999 sua atuação na educação de crianças de comunidades consideradas de vulnerabilidade social, através do Projeto Garoto Cidadão. Seu objetivo é a transformação social através das artes (música, dança, artes visuais e artes cênicas). Com o passar do tempo e o desenvolvimento de suas atividades, o PGC foi se expandindo e hoje está presente em seis estados da federação, atuando através de suas Unidades em doze cidades, onde a CSN, desenvolve as suas atividades comerciais. São elas: Volta Redonda, Itaguaí, Barra Mansa, Barra do Piraí e Rio de Janeiro/RJ; Arcos, Conselheiro Lafaiete e Congonhas/MG; Araucária/PR, Mogi das Cruzes/SP; Recife/PE; e Fortaleza/CE. Inserido nessas cidades, propondo parcerias entre os governos locais e o Projeto, o PGC visa em alvo próximo o atendimento de cerca de 3800 crianças e a expansão de sua abrangência tanto geográfica, quanto quantitativa e qualitativamente por Unidades.

Para efeito desse estudo, vamos focar principalmente o aspecto qualitativo do desenvolvimento do PGC, principalmente no último ano, onde todas as áreas envolvidas em suas atividades foram chamadas, pelo coordenador geral Fábio Silvestre, a refletir sobre as ações já realizadas e em andamento, sob a ótica de uma nova proposta pedagógica: os quatro pilares da educação (UNESCO 1996) e mais recentemente a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, principalmente através de seu livro Pedagogia da Autonomia.

A área musical, subdividida em teoria/musicalização, cordas, sopros e percussão, cada uma com a sua peculiaridade metodológica, avançaram também nessa direção, sendo a área de cordas, principalmente o violino, ligado já anteriormente ao método Suzuki, recorte desse estudo, a área em que vamos nos concentrar para o aprofundamento da questão proposta pedagógica PGC – metodologia.

3 OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO

Do relatório encomendado pela UNESCO a Comissão Internacional de Educação para o Século XXI, criada oficialmente em 1993 e para este propósito específico, surgiram no capítulo quatro, os quatro pilares da educação (DELORS, 1998, p.268). Esse relatório apresentado em forma de livro intitulado : “Educação Um Tesouro a Descobrir – Relatório para UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”, foi elaborado por Jacques Delors, o presidente dessa comissão e outros quatorze membros_ de diversos países, culturas e áreas de atuação. Sua missão:

efetuar um trabalho de estudo e reflexão sobre os desafios a enfrentar pela educação nos próximos anos e apresentar sugestões e recomendações em forma de relatório que poderá servir de programa de renovação e ação para quem tiver de tomar decisões e para os responsáveis oficiais no mais alto nível. (DELORS, 1998, pág 272.).

_ In'am Al-Mufti (Jordânia); Isao Amagi (Japão); Roberto Carneiro (Portugal); Fay Chung (Zimbábue); Bronislaw Geremek (Polônia); William Gorham (Estados Unidos); Aleksandra Kornhauser (Eslovênia); Michael Manley (Jamaica); Marisela Padrón Quero (Venezuela); Marie-Angélique Savané (Senegal); Karan Singh (Índia); Rodolfo Stavenhagen (México); Myong Won Suhr (Coréia do Sul); Zhou Nanzhao (China).

Na direção de sugestões e recomendações, em que estão os quatro pilares da educação, também chamados de “quatro pilares do conhecimento”, encontra-se:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. (DELORS, 1998, p. 89 e 90).

Ao conjunto de missões a que se refere o texto citado acima, entende-se o quadro de aceleradas mudanças em que o mundo se encontra na atualidade, demandando novas necessidades a fim de preparar os indivíduos a lidarem com a sua complexidade e crescente agitação. O sistema de educação bancária, onde o professor transfere o conhecimento ao aluno é cada vez mais obsoleto, incapaz e deve ser substituído por uma educação que possibilite ao educando desenvolver competências com as quais poderá se orientar e adaptar-se a novas realidades.

A seguir, apresentaremos cada um dos quatro pilares da educação de acordo com o relatório da UNESCO.

3.1.1 Aprender a conhecer

Esse tipo de aprendizagem é muito mais do que armazenar uma quantidade de saberes. É prioritariamente adquirir as ferramentas com as quais o indivíduo se torne autônomo em sua busca de conhecimento.

Dessa forma, esse pilar se torna tanto o meio quanto a finalidade. Meio ao viabilizar a vida em termos profissionais, sociais, intelectuais e finalidade por trazer o

prazer de aprender consigo, aumentando a curiosidade pelo conhecer. Por se tornar “amigo da ciência”. Enquanto meio, se faz necessário o aprofundamento em algumas áreas, pois a especialização traz consigo a possibilidade de realização profissional. Enquanto finalidade, o prazer e a curiosidade por diversos saberes, viabiliza o diálogo entre outras áreas, ampliando horizontes de visão. Permite comunicar-se; se abre a sinergias entre áreas, oportunizando novas descobertas, avanços em áreas com pontos de interseção em comum.

Um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia, tem necessidade de uma cultura geral vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos. Deve-se, do princípio ao fim do ensino, cultivar, simultaneamente, estas duas tendências. (DELORS, 1998, p. 91, apud Schwartz, 1993).

Aprender a conhecer, pressupõe aprender a aprender, que envolve o exercício da memória, da atenção e do pensamento. Não a memória de apenas guardar um sem-número de informações, mas de associá-las a outras, o que é um antídoto contra a desordenação das grandes ondas de difusão de informações. Embora o sistema não seja o bancário, necessário a essa prática, “Todos os especialistas concordam em que a memória deve ser treinada desde a infância, e que é errado suprimir da prática escolar certos exercícios tradicionais considerados como fastidiosos” (DELORS, 1998, p. 92). Embora o texto não especifique quais são esses exercícios, fica claro que o que se quer não é um rompimento total com a prática educativa em que decorar é necessário, repetir também o é, mas uma evolução para uma prática que tem a visão não no desenvolvimento dessas habilidades em si, mas no que elas proporcionam no desenvolvimento de competências aos educandos, como se vê nesse pilar.

Também deve-se buscar desenvolver nos educandos a habilidade de transitar o pensamento entre o concreto e o abstrato e por fim a consciência do inacabamento, próprio também do pensamento de Paulo Freire (FREIRE, 2009, p. 14). Inacabamento

esse, que pode motivar o impulso a que se continue ao longo de toda a vida, aprendendo e conhecendo.

3.1.2 Aprender a fazer

Indissociável do “aprender a conhecer”, porém mais ligado a formação profissional. Enfrenta grande dilema na atualidade, pela dificuldade de leitura sobre a necessidade profissional para o futuro. Embora de diferentes modos, tanto os países de economia industrial, ou desenvolvidos, quanto os em desenvolvimento, enfrentam o problema de como se comportar eficazmente diante das incertezas e participar da criação do futuro.

Para os países desenvolvidos, de economia industrial, as atividades de trabalho tem se tornado, cada vez mais imateriais, mais cognitivas. A relação com a produção é menos braçal e mais intelectualizada, exigindo conhecimento mais amplo em outras áreas que não as de execução direta de uma atividade. Também a necessidade de se desenvolver habilidades comportamentais e interpessoais para que os projetos possam ser executados e o atendimento as demandas do mercado sejam realizadas.

Dessa forma, o aprender a fazer não se resume apenas a aprender determinada função, ou profissão, mas desenvolver-se como um todo, nas quatro áreas propostas pelos pilares da educação, para acompanhar a demanda por profissionais mais versáteis, de bom relacionamento, cooperativos em trabalho em equipe, capazes de atuar positivamente na resolução de conflitos.

Para os países em desenvolvimento, de economia mais informal, a necessidade se localiza mais em adquirir competências formais ou informais que possibilitem a atuação no desenvolvimento social. Em alguns casos, onde o comércio e a economia se destacam, há uma tendência em associar a cultura científica, que possibilita o acesso a tecnologia moderna, a visão de futuro profissional com prosperidade, sem que se negligencie as capacidades específicas de contexto local.

3.1.3 Aprender a viver juntos

Dado o estado de violência e intolerância multiétnica que temos hoje no mundo, essa é uma tarefa das mais importantes da educação para o séc. XXI. O séc. XX foi testemunha do desenvolvimento do potencial de auto-destruição da humanidade e a violência se opõe ao grande potencial para o desenvolvimento alcançado no campo científico principalmente.

Interessante questão se apresenta desta reflexão: “Podemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?” (DELORS, 1998, p. 97). Importante nesse sentido é desenvolver uma prática escolar da não violência.

Algumas dificuldades nessa direção:

- Tendência dos grupos supervalorizarem as suas qualidades ou práticas em detrimento das qualidades ou práticas de outros grupos.

- Espírito de competição estimulado pela grande concorrência no mercado de trabalho e a desmedida valorização do sucesso pessoal, que acentuam as diferenças sociais e ampliam as rivalidades.

O que fazer?

Nas ações educativas a fim de procurar trabalhar essa questão, duas vias complementares são essenciais para atingir os objetivos, segundo a comissão:

- A descoberta progressiva do outro
- A participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

Em relação a descoberta progressiva do outro, o primeiro passo é tomar conhecimento e depois desenvolver um sentido de interdependência. Para tanto é fundamental que o indivíduo conheça a si mesmo, para depois aprender a se colocar no lugar do outro (empatia). Isso nos leva ao quarto pilar a ser abordado aqui, o aprender a ser.

Instrumento indispensável para a educação para o séc. XXI é o confronto através do diálogo e da troca de argumentos.

Sobre o segundo ponto, que aponta para os projetos comuns, de cooperação, diz-se que os conflitos individuais tendem a minimizarem-se ou até a desaparecer.

Exemplos são projetos desportivos, culturais e de atuações na sociedade como a renovação de bairros, ajuda aos desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações, etc.

Essas práticas, podem resultar no apreender métodos de resolução de conflitos e constituir referência futura para a vida desses alunos.

3.1.4 Aprender a ser

A educação deve contribuir para o desenvolvimento global do indivíduo – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. O aluno deve ser preparado para exercer pensamento autônomo e crítico a fim de construir positivamente os seus juízos de valor e aprender a decidir por si mesmo nas situações diversas de sua vida, como atores responsáveis e justos no mundo.

Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino. (DELORS, 1998, p. 100).

Atenção especial deve ser dada à criatividade e à imaginação, oferecendo aos jovens oportunidades de acesso a experimentações estéticas, artísticas, desportivas, culturais, científicas e sociais, produto de mentes criativas e reflexivas de seu tempo e anteriores a ele.

Na preocupação em desenvolver a imaginação e a criatividade, importante se faz a valorização da cultura oral e conhecimentos próprios da experiência dos alunos.

Finalizando, os quatro pilares da educação não dizem respeito a uma etapa específica do desenvolvimento humano. Tem a ver com toda a existência de um indivíduo em constante evolução, visando o seu desenvolvimento e permitindo continuar a sua busca por aprendizagem por toda a sua existência.

Cristaliza-se que a arte em todas as suas formas e em seus aspectos de produção e consumo, inserida nesse contexto, participa juntamente com outras linguagens de maneira responsável, como instrumentos do desenvolvimento contínuo da sociedade,

participando ativamente de suas mais profundas questões. Para tanto, sua pedagogia deve estar embasada nesses pensamentos e voltados para fora de si mesma.

3.2 Pilares – Competências

O conceito de quatro pilares sobre os quais a educação, segundo a UNESCO, deve estar baseada é apresentado de forma a servir de ponto de partida a reflexões que resultem em uma prática educativa coerente com a sua filosofia.

Assim como o educador Bernardo Toro propõe através dos Sete Códigos da Modernidade o desenvolvimento de capacidades importantes para a construção de um indivíduo capaz de atuar num mundo moderno, o PGC propõe que se pense em cada um dos pilares da educação como capacidades ou competências a serem desenvolvidas. São elas:

- Aprender a Conhecer – Competências Cognitivas
- Aprender a Fazer – Competências Produtivas
- Aprender a Viver Juntos – Competências Relacionais
- Aprender a Ser – Competências Pessoais

Pensando em competências a serem desenvolvidas, o assunto se aproxima da prática de forma a começar a desenharem-se caminhos possíveis para o desenvolvimento de qualquer atividade educativa que se proponha a fazer. A seguir, os desdobramentos dos Pilares/competências a serem desenvolvidos através das artes, propostos pelo Projeto Garoto Cidadão.

3.2.1 Aprender a Conhecer – Competências Cognitivas

Linguagem

- Utilizar as várias linguagens como forma de expressão
- Expressar-se oralmente com clareza.

Leitura e Escrita

- Ler textos com compreensão, entendendo sua finalidade
- Desenvolver o gosto pela leitura
- Escrever diferentes textos, compreendendo sua finalidade

Cálculo e Resolução de Problemas

- Calcular e resolver problemas
- Analisar situações-problema e propor alternativas de solução

Acesso a Informação

- Aprender a pesquisar em bibliotecas, videotecas, hemerotecas, museus, etc
- Conhecer os recursos presentes na própria comunidade
- Ter acesso a redes de informação e a internet e aprender a fazer uso delas.

Análise e interpretação de dados, fatos e situações

- Descrever, analisar, comparar situações
- Interpretar resultados, organizar e comunicar idéias

Interação crítica com os meios de comunicação

- Analisar, comparar e criticar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação (cinema, televisão, rádio, jornal, revista)

O desenvolvimento de competências metacognitivas também se faz necessário, para que o indivíduo se torne autônomo em sua busca por resposta a suas próprias questões, orientando-se em sua autogestão de conhecimento. São elas

Aprender a aprender – autodidatismo

- Aprender como o processo de aprendizagem se inicia, como se desenvolve, que condições propiciam a aquisição de conhecimentos e habilidades
- Aprender com a própria experiência, com os acertos, ensaios, erros e dificuldades

Aprender a ensinar – didatismo

- Desenvolver habilidades didáticas para passar conhecimentos

Aprender a Conhecer – Construtivismo

- Aprender a construir conhecimento

3.2.2 Aprender a Fazer – Competências Produtivas

Criatividade

- Desenvolver a criatividade para laborar operações, idéias, caminhos e soluções que tenham o poder de modificar uma situação existente em uma outra desejada.

Competências de Gestão :

1) Autogestão

- Saber gerir a si mesmo, o seu tempo, sua vida e carreira, todas as suas atividades e o seu próprio processo de aquisição de competências produtivas.
- Ter iniciativa e autonomia, tornar-se capaz de organizar, desenvolver e avaliar o próprio trabalho.
- Ser capaz de utilizar a liberdade dentro dos limites éticos.

- Saber ousar, assumir riscos calculados, assumir responsabilidade por seus erros, recomeçar.

2) Co-gestão

- Aprender a negociar e assumir um compromisso com a decisão coletiva.
- Criar, pensar, planejar, decidir, executar e avaliar em grupo.
- Saber liderar e também deixar-se liderar.

3) Heterogestão

- Saber gerir o trabalho de outros quando se está na liderança do grupo.
- Saber respeitar princípios éticos e democráticos.
- Saber motivar, transmitir conhecimentos, valorizar e estimular a criatividade quando se está na liderança do grupo.
- Delegar responsabilidades
- Comprometer-se com o desenvolvimento dos potenciais de seus colaboradores.

3.2.3 Aprender a viver juntos – Competências relacionais

1 Nível Interpessoal:

1.1 Reconhecimento do outro

- Capacidade de ver o outro como uma pessoa autônoma e livre, portadora de direitos.

- Capacidade de colocar-se no lugar do outro para compreendê-lo, aceitá-lo e poder relacionar-se com ele.

1.2 Convívio em grupo

- Aprender a utilizar regras de conduta socialmente aceitas, como cumprimentos, agradecimentos, pedidos de informação e de desculpa.
- Saber negociar as diferenças, os pontos de vista e os interesses, tendo como expectativa objetivos comuns.
- Concordar e discordar sem romper a relação com os outros
- Competir com lealdade.

1.3 Comunicação

- Saber falar e saber ouvir.
- Expressar-se com clareza e correção, saber utilizar a linguagem adequada a cada situação.
- Fazer-se entender e também entender o outro.
- Resolver conflitos pacificamente.
- Aprender a propor sem impor, explicitando razões.
- Aceitar discutir suas idéias sabendo que podem ou não ser aceitas.
- Ceder sem se sentir perdedor.
- Colocar-se no lugar do outro para compreender o seu modo de pensar, as razões que fundamentam suas posições e para desenvolver o respeito às diferenças.

1.4 Afetividade e sexualidade

- Viver a própria afetividade e sexualidade.

- Elaborar seus próprios valores, com respeito e solidariedade em relação ao outro.

1.5 Interação

- Perceber o outro e estar aberto para seu universo.
- Ser um facilitador das próprias intenções e das do outro, para crescer juntos.

1.6 Convívio com a diferença

- Desenvolver a capacidade de respeitar as diferenças dos outros.
- Ser capaz de levar em conta as posições contrárias as suas.
- Respeitar o direito do outro de ser livre, de pensar e de agir de modo diverso dos demais.
- Ver as diferenças como uma possibilidade de conhecer e de compartilhar outros modos de pensar, sentir e atuar.

1.7 Cultura da paz

- Respeitar os direitos humanos e reconhecer o pluralismo de idéias e a diferença como traços inerentes e legítimos da humanidade.
- Pensar a paz como elemento indissociável da justiça e da solidariedade.
- Contribuir para a construção de uma cultura da paz com o objetivo de criar alternativas à violência.
- Promover valores, atitudes, comportamentos e formas de vida que rejeitem a violência e adotem o diálogo e negociação como forma de resolver conflitos.

- Transmitir conhecimentos sobre a diversidade humana, levando à descoberta do outro e fazendo aparecer os sentimentos de solidariedade.

1.8 Resolução de conflitos

- Encarar conflitos como inerentes à convivência democrática e à diversidade.
- Identificar as origens dos conflitos e utilizá-las como balizas para uma abordagem mais adequada da questão.
- Cuidar das emoções para que a razão possa ser livremente usada na reflexão, na análise e na busca do entendimento.
- Colocar-se no lugar do outro para compreender suas razões, aceitar as diferenças e desenvolver a solidariedade e o altruísmo.
- Aprender a identificar e enfatizar os pontos de convergência entre todos, e a minimizar os pontos divergentes, em busca da conquista de propósitos comuns.

1.9 Convívio com a vitória e a derrota

- Aprender a elaborar vitórias e derrotas de forma construtiva, tolerando frustrações e crescendo na adversidade.
- Encarar as vitórias e as derrotas como faces da mesma moeda, cada uma delas portadoras de diferentes aprendizagens.
- Utiliza-las para o aperfeiçoamento do desempenho.
- Enfrentar as frustrações.

2.1 Compromisso com o coletivo

- Compreender como a sociedade está organizada, como funciona, qual o papel desempenhado por suas instituições, como elas se relacionam.
- Ultrapassar o âmbito pessoal e familiar, co-responsabilizando-se na luta pelo aperfeiçoamento da sociedade e na defesa dos interesses públicos.
- Solidarizar-se, ser capaz de agir concretamente em favor da sociedade para realizar as transformações desejadas.
- Saber identificar as questões que afetam a vida da comunidade e propor soluções agindo em cooperação com seus pares e com os adultos.
- Exercer a cidadania. Ser capaz de converter problemas em oportunidades.
- Ser capaz de organizar-se para defender seus interesses e solucionar problemas por meio do diálogo e da negociação, respeitando regras, leis e normas estabelecidas.
- Trabalhar para fazer possíveis, para todos, os direitos humanos.

2.2 Compromisso com o ambiente

- Conhecer o planeta Terra e reconhecer nossa dependência em relação ao mundo físico.

- Respeitar e cuidar de todas as formas de vida, do ar, das águas, das matas e dos minerais como patrimônios da humanidade.
- Desenvolver co-responsabilidade ambiental
- Analisar nossas atitudes e mudá-las se elas não vão ao encontro das relações de afeto e de cuidado que devemos ter com o planeta Terra.

2.3 Consciência de direitos e deveres

- Tomar consciência de seus direitos e deveres para poder atuar de forma pró-ativa em sua promoção e garantia.
- Conhecer os direitos humanos, os direitos constitucionais e os estabelecidos no Estatuto da Criança e do Adolescente, como também a luta da sociedade pela definição e implementação de todos eles
- Atuar na defesa dos direitos.
- Avançar na luta pelo direito a ter direitos e pelo direito a participar da sua definição.

2.4 Compromisso com a cultura e a diversidade

- Capacidade de conhecer e reconhecer as próprias origens.
- Valorizar o saber social, perceber a importância que têm em nossas vidas

- Conhecer o significado e a origem das tradições e costumes de sua comunidade, para que possam reconhecer-se como parte deles.
- Aprender que a história é construída pela vontade dos homens
- Aprender a valorizar a diversidade cultural existente no mundo e a relacionar-se com ela para enriquecer seu universo pessoal

3.2.4 Aprender a Ser – Competências Pessoais

1 Identidade e encontro consigo mesmo

1.1 Autoconhecimento

- Construir a identidade.
- Autoconhecer-se.
- Conhecer seus afetos, suas emoções, seus talentos, suas potencialidades e habilidades, suas limitações, seus desejos e seus sonhos.
- Tornar-se plenamente aquilo que se é em potencial.

1.2 Auto-estima

- Capacidade de gostar de si mesmo, de aceitar-se e de valorizar-se.

- Cuidar-se e valorizar-se, ser sensível ao que se é, às suas origens e aos seus potenciais.

1.3 Autocuidado

- Cuidar do corpo, da mente, da sexualidade, da saúde e do bem-estar físico e psicológico.
- Aprender a zelar pela saúde pessoal
- Cuidar da própria saúde é também cuidar de um bem comum – a saúde coletiva
- Ter uma ética de convívio consigo e com o outro em que a vida se torna o seu maior valor.

1.4 Valorização da vida

- Respeitar a vida como o mais básico e universal dos valores.
- Valorizar a vida como uma oportunidade para aprender sempre, melhorar a si mesmo e ao ambiente.

1.5 Autoconceito

- Conhecer-se (elaborar uma identidade), ter auto-estima (gostar-se) e ter consciência de suas capacidades e conquistas.
- Desenvolver um autoconceito positivo (aprender a lidar de forma construtiva com suas potencialidades e limites).

1.6 Autoconfiança

- Aceitar a si mesmo.
- Conhecer suas forças e apoiar-se nelas.
- Não ter medo de agir, de errar e de ousar.
- Aprender com os erros.
- Ser flexível diante de si e do outro.

1.7 Autodomínio

- Aprender a lidar com os próprios sentimentos
- Ter a capacidade de canalizar as energias e as forças pessoais de modo positivo e em direção à realização de novos projetos e desejos.
- Ser capaz de viver a própria intimidade para poder respeitar a intimidade dos outros.

1.8 Autodisciplina

- Ter noção clara da liberdade que se pode ter dentro de limites éticos.
- Adquirir independência interna e ser capaz de autogerir-se de acordo com padrões interiorizados e socialmente aceitos.

1.9 Capacidade de fazer escolhas

- Construir, vivenciar e fortalecer um conjunto de valores que contribuam para a construção da liberdade, da integridade, da solidariedade, do respeito à vida e da equidade social.
- Capacidade de elaborar pensamentos autônomos e críticos.
- Conhecer seus próprios interesses e potenciais e identificar nas oportunidades que surgem as que são mais adequadas a seu projeto de vida.

1.10 Visão confiante do futuro

- Desenvolver a autoconfiança.
- Sair do imediatismo e projetar novas realidades e assumir riscos.
- Conviver com as incertezas, com o que não sabemos e mobilizar o melhor de nós para realiza-las.

2 Projeto de Vida

2.1 Querer ser

- Confiar em si e no futuro e sonhar consigo mesmo no futuro.
- Desenvolver a imaginação.

2.2 Autoproposição: o projeto de vida

- Ter um sonho, definir as etapas para realiza-lo e saber conduzir o processo.
- Desenhar um projeto de vida e preparar-se para levar os sonhos às realizações.

2.3) Sentido da vida

- Estabelecer um projeto de vida.
- Traçar um rumo entre o presente e o futuro.

2.4 Autodeterminação

- Ser capaz de escolher o caminho que se quer seguir, e não deixar que outros o façam por nós.
- Escolher os sonhos pessoais e definir quais queremos transformar em realidade e realiza-los.
- Desenvolver a vontade como ferramenta de transformação pessoal e coletiva.

2.5 Resiliência (capacidade de resistir a adversidade)

- Não se deixar destruir nos períodos difíceis.
- Persistir e crescer nos momentos em que as dificuldades são muitas e grandes.
- Agir com vontade.

2.6 Auto-realização

- Cumprir seu potencial como pessoa, como profissional e como cidadão.

2.7 Plenitude

- Alcançar os nossos desejos mais intensamente sonhados.
- Superar limites e ampliar as possibilidades de desenvolvimento pleno de nossos potenciais.

4. CULTURA PELA EDUCAÇÃO

O PGC sugere para eficiência do processo de ensino-aprendizagem, que todas as suas áreas (teatro, música, dança, artes visuais) trabalhem de forma interdisciplinar, pois entende que somente através de esforço conjunto, o objetivo exposto acima pode ser alcançado. Para tanto, a metodologia baseia-se na relação entre aprendizagem em 3 níveis complementares:

- Aprender a cultura
- Aprender sobre a cultura
- Aprender pela cultura

Um dos aspectos relevantes ao se analisar todo esse detalhamento pensando em uma aplicação metodológica, é a flexibilidade necessária de cada área para se adaptar às ações interdisciplinares, tendo em vista a imensa quantidade de temas que surgem como transversais as aulas de instrumento, dança, artes visuais ou qualquer outra atividade que seja convidada a participar desse mesmo direcionamento.

Há que se analisar se o método já utilizado para o ensino de violino e cordas em geral no PGC, atende a demanda por suficiente espaço para se trabalhar essa transversalidade, pois fica claro com a proposta pedagógica que o mais importante, o foco principal é o desenvolvimento das competências sugeridas, com o objetivo de transformação social, abertura de visão e desenvolvimento de habilidades necessárias nas diversas relações do indivíduo durante a vida, utilizando a cultura como ferramenta para essa tarefa e não um fim em si mesma.

Passamos agora a considerar o Método Suzuki para violino com o objetivo de verificar em que pontos a sua proposta e esta se aproximam, em que se distanciam e em que direção olhar, afim de que, esta matéria – violino – esteja também ajustada ao todo, transformando e se permitindo transformar, como implícito no conceito de inacabado de Paulo Freire. Conceito esse que é reiterado aqui: “...quem forma, se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado...” ou em outras palavras, na seqüência do mesmo texto: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2009, p. 23). Embora aplicável a educadores e educandos, lançamos mão do pensamento do prof. Paulo Bosísio, citado em dissertação de

mestrado (FILHO, 2010): métodos de inicialização como o Suzuki ou “(...) como qualquer outro acesso ao violino, de toda e qualquer forma tem que ser readaptado e modernizado, caso contrário, ele se torna mais um método “tradicional”, porém envelhecido, o que é pior de tudo!” , para o aplicarmos não apenas aos agentes envolvidos nesse processo, como também à ferramenta (método) utilizado. Através dos pensamentos de Paulo Freire e Paulo Bosísio, percebemos a visão que tanto educadores quanto métodos, devem estar abertos a percepção da realidade presente, para atuarem na educação de maneira eficaz.

5. O MÉTODO DA EDUCAÇÃO DO TALENTO

O professor Shinichi Suzuki, em seu livro Educação é Amor, descreve longamente a sua trajetória e a de sua maior descoberta, o método da Educação do Talento. Esse método desenvolvido por ele mesmo, se baseia em sua percepção de que todas as pessoas podem aprender o que quiserem. Todos nascem com pré-disposição a aprender e se isso em algum momento ou de algum modo não ocorre a contento, as questões a serem analisadas são de ambiente, educação, ou ambas.

Sua atenção se voltou a esse assunto, quando após passar oito anos na Alemanha, estudando violino com o professor Karl Klingler, voltou ao Japão e um pai o pediu para que ensinasse o seu filho de quatro anos a tocar violino. Pensando em como ensinar uma criança de quatro anos a tocar, uma idéia ocorreu em sua mente, que segundo ele foi a descoberta da sua vida: refletiu sobre o porque de as crianças aprenderem a língua materna com facilidade, e raciocinou que esse é o método perfeito: o método da língua materna, ou seja, do ambiente propício. Isso, segundo ele é o que faz toda a diferença entre o desenvolvimento e o não desenvolvimento das habilidades de um ser humano. Desse tempo em diante (1931 ou 1932), ele passou a procurar

desenvolver o seu método baseado nesse paradigma: Todos podem desenvolver talentos, desde que seja utilizado o método apropriado, que também envolve um ambiente propício.

Logo no início da exposição dessa idéia, Suzuki não a aplica de imediato ao ensino do violino, mas a qualquer talento a ser desenvolvido e fala sobre o sistema de ensino como podemos notar:

Realmente todas as crianças do mundo são educadas por um método perfeito: por sua língua materna. Porque não utilizar este método também para outros talentos?... Quando uma criança não consegue resolver seus problemas de matemática, diz-se que ela tem uma inteligência abaixo da média. Entretanto ela fala a difícil língua japonesa ou sua língua materna com excelência. Não se deveria pensar mais profundamente sobre isso? Na minha opinião, uma criança destas não é sub-dotada; o sistema de ensino é que está errado. Sua capacidade ou seu talento não foram bem desenvolvidos. (SUZUKI, 1994, p.12)

Sua intenção inicial, ao pensar sobre o assunto, estava focada no contexto do ensino de violino para uma criança muito pequena, mas é interessante como logo de início a sua exemplificação se dá em outro campo. Há uma sugestão implícita nessa questão: que esse não é o momento da concepção de um método de violino, mas sim o início de sua filosofia pedagógica, que seria colocada, pela necessidade imediata e por ser também a sua área de interesse mais próxima, em prol do ensino do violino.

Isso fica ainda mais claro em outro trecho onde diz que esse método é aplicado não apenas ao violino, mas no desenvolvimento de habilidades básicas, que serão o apoio ao desenvolvimento de outras habilidades:

O programa de ensino da pré-escola da Educação do Talento é diferente dos demais jardins de infância. Procura-se receber crianças de pré-escola e transforma-las em seres humanos especiais. As crianças aprendem habilidades básicas que lhes servirão, mais tarde, no aprendizado de outras habilidades. Professores de alta sensibilidade artística e grandes qualidades de caráter ensinam caligrafia, desenho, conversação inglesa, etc. ...

Faz também parte do programa uma exposição de arte e os quadros que nossas crianças produzem são excepcionais. Os números também não são

esquecidos.(...) O mais importante, entretanto, é, a meu ver, a educação do talento da memória. A capacidade de memorizar é das mais importantes na vida e deve ser incutida profundamente.” (SUZUKI, 1994, p. 87).

Fica também evidente que pensava na utilização do método dentro do contexto até mesmo da educação formal, nesta citação: “Se nas escolas, fosse utilizado o método de ensino da língua materna, poderíamos esperar resultados muito além dos obtidos com os métodos atuais.” (SUZUKI, 1994,p. 12). E um pouco mais adiante deixa claro que o seu método foi o instrumento pelo qual ele iniciou algo maior que ele chama de movimento educacional, como se vê: “Chamei meu método de Educação do Talento e comecei o movimento educacional em que as crianças com baixo rendimento escolar ou aquelas que lutam para conseguir melhorar-se, não sejam despedidas da escola ou rejeitadas.” (SUZUKI, 1994,p. 13).

Para o Dr. Shinichi Suzuki, talento não é algo que se nasce com ele. É algo desenvolvido e que para alcançar um bom nível de excelência, precisa de ambiente adequado, um método ideal para aquele indivíduo e treinamento.

Ele destaca o treinamento da memória como uma prioridade no método da Educação do Talento, subentendendo com isso, que representa uma das habilidades básicas, necessárias ao desenvolvimento dos alunos. A justificativa, nota-se deste pensamento citado:

No livro de Daisetsu Suzuki, *O que é Zen?* ele diz: ‘uma das características da vida humana é a experiência. Essa é uma consequência da memória do homem. A memória é algo muito valioso, e o fato de poder utilizar pensamentos e idéias vem da memória. Só por ter memória é que a experiência é possível e, esta sendo possível, quantos caminhos de desenvolvimento lhe estão abertos... Com a memória como base, o homem tem experiência, e por causa da experiência, ele consegue pensar. (SUZUKI, 1994, p. 87).

Uma das maneiras que utiliza para treinar a memória dos seus alunos se baseia no decorar poemas *haikus* de Issa (pequenos poemas, formados por versos rápidos,

normalmente agrupados de três em três). Diz que crianças com grandes dificuldades em decorar no início, conseguem gravar uma grande quantidade deles e que a memória que desenvolveram lhes serve como suporte para a continuidade dos seus estudos.

Ao analisar essa idéia defendida pelo Dr. Shinichi Suzuki, vem logo a mente trecho já citado anteriormente nesse trabalho, no capítulo sobre os quatro pilares da educação, que diz: “Todos os especialistas concordam em que a memória deve ser treinada desde a infância, e que é errado suprimir da prática escolar certos exercícios tradicionais considerados como fastidiosos” (DELORS, 1998, p.92). Não há nenhuma indicação que o texto da UNESCO se refira a essa prática, porém nos chama a atenção, um método que tem a intenção de desenvolver habilidades básicas que serão a base para outras habilidades, utilize em princípio, exercícios de memorização.

É relevante citar que em todo o tempo, concepção, desenvolvimento, aplicação, ele tinha em mente o desenvolvimento de outras habilidades nos seus educandos, como se lê:

Para ajudar nossas crianças, vamos educa-las, desde o berço, para terem alma nobre, alto senso de valores e habilidades esplêndidas. No instituto, uso o violino para desenvolver essas qualidades nas crianças. Todos os professores de nossas filiais da Educação de Talento seguem esse princípio. Junto com os pais, não medem esforços para guiar as crianças no caminho de se tornarem seres humanos mais nobres. (SUZUKI, 1994,p. 26)

E Suzuki faz questão de dedicar parte de seu livro, em subtítulo “Um princípio norteador”, a algo que o marcou quando criança e que transparece em todo o seu livro como uma busca: “Caráter primeiro, habilidade depois”. (SUZUKI, 1994, p.65).

Embora alguns de seus ex-alunos tenham alcançado destaque internacional, como: Koji Toyoda – Primeiro Spalla da Orquestra Sinfônica de Berlim, Hiderato Suzuki – Spalla da Orquestra Sinfônica de Quebec, Takeshi Kobayashi – Spalla na Tchecoslováquia, apenas para citar alguns, nunca foi sua principal intenção a formação

violínica e sim o desenvolvimento do caráter de cada um deles, visando o seu ideal de um mundo melhor, de pessoas mais nobres, um mundo sem guerras.

Conforme lemos no último texto citado, sua intenção era usar o violino para determinada finalidade, essencialmente para fora de si mesma. Nessa visão, a tarefa de ensinar o violino, a música para os seus alunos, é uma ferramenta que utilizava para outro fim que considerava sobrepor em importância a aquisição da habilidade específica a essa prática. Aqui vemos a música a serviço da educação. Percebemos aqui justificado o próprio título do seu livro: “Educação é Amor”. Sua principal intenção era contribuir com a sua arte para a educação.

Enquanto procurava um caminho didático para a aplicação de sua filosofia pedagógica no ensino do violino, ele foi agrupando um determinado repertório em nível progressivo, formando 10 volumes. As peças são de início bem curtas, compostas de pequenas frases. Algumas são de origem folclórica européia, outras, composições suas organizadas em uma progressão lógica de desenvolvimento de habilidade do aluno. A partir da décima terceira peça no primeiro volume, inicia-se uma fase de “ingresso ao erudito”, onde aparecem Minuetos, Gavotes, outras pequenas peças de compositores diversos como: Bach, Schumann, Gossec, Brahms, Handel, Beethoven, Boccherini, já citando também o segundo volume, prosseguindo assim até o quarto volume, onde começa a introduzir movimentos de concertinos românticos de Seitz, o concerto em Lá m de Vivaldi, seguindo assim até o repertório clássico com dois concertos de Mozart, um no volume nove e outro no volume dez.

É bem nítido que essa era a música que merecia uma atenção especial e deveria ser estudada. Outros métodos como Doflein, Laureaux, trazem de início, após exercícios iniciais em cordas soltas e colocação dos dedos da mão esquerda, pequenas músicas folclóricas também, mas avançam em um sentido mais técnico do que musical

propriamente dito. A diferença é notável nesse sentido, onde parece que a técnica para Suzuki vem sempre associada a uma peça de novo nível a ser desenvolvido e não algo a qual seja dado um tratamento específico e anterior ao nível de peça proposto.

No início do primeiro volume do seu método para violino, ele dá quatro princípios de estudo, que considera essenciais ao aprendizado e desenvolvimento do aluno:

- 1) O aluno deve escutar as músicas que está estudando todos os dias em sua casa para desenvolver sensibilidade musical e isso é fator essencial para que ele se progrida rapidamente.
- 2) As peças devem ser executadas com uma boa sonoridade tanto nas aulas quanto em casa
- 3) Atenção constante a: afinação exata, postura correta e a condução do arco.
- 4) Os pais e professores devem se esforçar para que o alunos gostem de praticar em casa corretamente.

Regularidade nos estudos e na audição de músicas principalmente as que o aluno está estudando, rigor e criticidade nas aulas por parte dos professores, a importância da proximidade da família no desenvolvimento continuado do aluno e o prazer de estudar são assuntos em primeiro plano já no início da aplicação de seu método.

Mais adiante ele diz que a leitura musical não deve ser introduzida inicialmente. Assim como as crianças aprendem primeiro a falar e depois a ler e escrever, assim deve ser desenvolvida a linguagem musical. Devem ser priorizadas nesse momento a sensibilidade musical, a destreza e a memória. Isso deve estar bem desenvolvido em sua escola até o volume três. A partir do quarto volume é que deve ser iniciada a leitura

Em muitas escolas ou projetos sociais e até mesmo professores de violino, percebemos a tendência de analisar ou aplicar o método Suzuki quase que exclusivamente a aulas em grupo, não sendo incomum ouvir que esse é um método para ensinar violino em grupo. Ainda nas explicações iniciais do método no volume um, o autor deixa registrado a sua opinião sobre o assunto, valorizando a importância das duas práticas: individual e em grupo. Em relação as aulas em grupo, sugere que sejam feitas no mínimo duas vezes por mês, mas o ideal é uma vez por semana. Sobre as aulas individuais, menciona a importância da visão individualizada para cada aluno, passando de nível (para outra música), apenas quando além de ter aprendido o dedilhado, as arcadas e golpes de arco de uma peça, o trabalho de desenvolver uma boa sonoridade e musicalidade for trabalhada satisfatoriamente, executando a peça ainda com uma postura correta. Outro fator importante para o desenvolvimento é continuar tocando as peças que já foram superadas, acumulando o repertório, não deixando de tocar as peças anteriores simplesmente por já estar estudando outra. Diz ainda que os alunos e os pais dos alunos devem assistir as aulas de outros alunos e o tempo de aula individual deve variar de um aluno para outro, de acordo com a necessidade de cada um.

5.2 Reflexões sobre Método e Filosofia Suzuki

Ao longo de sua exposição sobre a sua vida e trabalho, Suzuki relata muitas experiências de sucesso com alunos que inicialmente apresentavam dificuldades, superando-as com esforço, dedicação, perseverança em um método específico para aquele caso. Embora o Dr. Shinichi Suzuki já tenha falecido e conseqüentemente o seu método não tenha sido alterado desde então, analisando a sua sensibilidade em perceber o seu entorno e a visão individualizada que procurava ter de cada aluno, surge a

pergunta: Será que preservar o seu método intacto, como está e aplica-lo a todos os alunos como uma cartilha, é coerente com uma filosofia pedagógica que visa desenvolver habilidades básicas nos alunos, que servirão para a vida?

Num mundo de mudanças constantes, onde a cada instante as pessoas precisam se adaptar a novas realidades, estarem atentas ao seu ambiente e abertas a relacionar-se com ele em diversas áreas como pessoal, profissional afetiva, como sugere o texto dos quatro pilares da educação, o papel da educação é desafiador, pois a transferência de conhecimento ou o ensino de habilidades se tornam pequenas ações necessárias entre muitas outras que se apresentam como essenciais. Ao pensar em qual papel o ensino do violino deve desempenhar nesse contexto, planejar as aulas pensando no conteúdo principalmente, traz consigo o grande risco de apenas reproduzir um modelo antigo, tradicional, e sem um diálogo com a realidade próxima e aos temas principais de uma comunidade onde um projeto social esteja inserido. A força de uma filosofia pedagógica baseada no desenvolvimento de competências (UNESCO), ou de habilidades (SUZUKI), ganha força ao dialogar com a realidade próxima, abrindo um caminho de duas vias transformando e se permitindo transformar no processo de formação.

Suzuki se aproxima do pensamento dos fundamentos do conhecimento ou pilares da educação, quando desenvolve um método baseado em um ideal não apenas musical. Não conteudista, mas a serviço do desenvolvimento integral do ser humano. Utopia pensar que o ensino do violino seria todo suficiente para tanto, mas como dito anteriormente, citando a proposta pedagógica do PGC, as áreas devem trabalhar de forma interdisciplinar, para que somando forças, suas competências formem um todo, que visto de forma global, podem mais do que, fechadas em si mesmas, cada uma pensando em como desenvolver prioritariamente as habilidades necessárias a sua prática específica, sozinhas poderiam fazer.

Esse pensamento não pode ser aplicado a todos os níveis de educação que envolvam a música, pois se o objetivo principal de uma instituição é formar músicos, o caminho deve ser visto por esse prisma. Porém, ao se dispor a dialogar com a educação social as áreas envolvidas precisam projetar as suas ações visando o objetivo principal, que no caso estudado é o desenvolvimento integral de uma cidadania baseada no conceito de autonomia defendida por Paulo Freire, onde os indivíduos devem desenvolver o seu olhar crítico, analítico e pensar por si só, aprendendo a ser tanto individual como social, em tudo o que implique essas realidades.

Ao se pensar em objetivos não primeiramente musicais, o planejamento das aulas, por análise, devem ser pensados nessa direção. Que exercícios, que repertório, que metodologia devo aplicar a esse grupo visando tal objetivo? Como essas ações estarão em diálogo com as outras atividades que acontecem paralelamente?

A partir dessa necessidade, desponta a figura de um novo perfil profissional para essa função, que poderíamos chamar de “socio-educador musical”, utilizando expressão de Magali Kleber, presidente da ABEM (KLEBER, 2006). Um profissional que tem um conhecimento amplo na área musical e nos pontos de intercessão de sua área com outras que caminham paralelamente e possuidor de uma sensibilidade, flexibilidade e prontidão, para propor alterações no percurso da ação educativa ou até da atividade, de modo que a sua área esteja alinhada as diretrizes de uma proposta que também a envolva e não a tenha como o fim.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire em seu livro “Pedagogia da Autonomia”, defende a idéia de que educar envolve pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e

ética, apreensão da realidade, respeito aos saberes dos educandos, para citar alguns elementos que devem estar presentes no perfil do educador. Esse conceito se alinha firme e coerentemente ao conceito dos quatro pilares da educação propostos pela UNESCO, visando desenvolver competências nos educandos, que os prepare para suas relações num mundo de intensas e rápidas mudanças, conceito utilizado pelo PGC. Suzuki, visando desenvolver em seus alunos um caráter nobre, percebe que isso seria possível através do ensino da música, não apenas para desenvolver competências produtivas, aprendendo a tocar um instrumento, por exemplo, citando os quatro pilares da educação, mas também as pessoais, relacionais, cognitivas, acima da proposta de se fazer músicos.

Embora já determinado, fechado e por isso longe do conceito de inacabado de Paulo Freire e de diálogo com a realidade dinâmica de nossa época, apresentada pela UNESCO, sua filosofia é atual, útil, dentro de um ambiente sócio-educativo musical (PGC, por exemplo), pois visa o indivíduo prioritariamente e não um fim puramente musical. Essa é uma direção possível que demanda um trabalho metucioso, pormenorizado, para o desenvolvimento de uma metodologia atual que além de alcançar a profundidade dos conceitos pedagógico-filosóficos, seja apresentado através de atividades atrativas e dinâmicas, que motivem e possibilitem o desenvolvimento global dos educandos.

Suzuki, com o seu método da língua materna, sugere que o ambiente familiar é a melhor escola. Por isso trabalha com as famílias na educação dos alunos. Na pedagogia da autonomia de Freire, o respeito aos saberes do educando, o trabalhar com o que eles já sabem é fundamental e para a UNESCO, o desenvolvimento de competências que possibilitem os indivíduos se relacionarem com o mundo está no âmago dos quatro pilares da educação. Isso nos sugere ações que tenham sua origem não apenas em uma

visão fechada sobre a necessidade dos alunos, mas que trabalhe com o que eles trazem. Ao receber crianças vindas de comunidades consideradas vulneráveis socialmente, os projetos sociais se abrem para indivíduos que já possuem alguma cultura, própria dessas comunidades. Isso pode variar muito de cidade para cidade, de estado para estado. Abre-se então a necessidade primária em saber qual é essa cultura, o que os educandos que vieram ouvem, o que apreciam, o que não apreciam, que linguagem já possuem e a que ainda não possuem, quais os significados que atribuem aos elementos de sua cultura, para que ao aproximar do que já é conhecido, a comunicação com a sua realidade seja estabelecida. A partir daí, a apresentação de outras linguagens, outros estilos, trará a tona o papel do desenvolvimento da autonomia, já que ao conseguirem sair de um ponto de vista único, poderão também apreciar, entender outras linguagens se tornando capazes de decidir de forma mais criteriosa, quais suas reais preferências, sua posição em relação ao mundo, se conhecendo melhor e tendo maiores referências para suas escolhas.

Ao serem planejadas as aulas, o foco principal é: quais competências serão trabalhadas como esse grupo? A partir desse ponto, as atividades, devem ser escolhidas de tal forma a privilegiar o desenvolvimento de tais habilidades nos educandos, utilizando a música como ferramenta para isso. Nesse contexto, a qualidade do ensino-aprendizagem da música é fundamental, pois no percurso do processo serão determinados pontos de apoio, que servirão como imagens mentais, ilustrações, para elaborações de conceitos não musicais, com aproximação a realidade social a ser trabalhada. Um desenvolvimento fraco, ou sem grande motivação musical, sob o pretexto de que o conteúdo musical não é o mais importante, pode enfraquecer todo o processo, trazendo dúvidas quanto a competência em atingir outros objetivos, como os

sociais, razão da existência de tal campo de atuação da música. É importante frisar isso, pois, não ser o objetivo principal, isso não quer dizer permissão para fracos resultados.

Finalizo, olhando na direção apresentada por essas três propostas que coexistem no ambiente do PGC e que está disponível para aqueles que se sentirem motivados a descobrirem novas formas de ensinar, sem discriminação pelo que é novo, percebendo-se inacabado e com isso ator de sua própria história e co-autor da história de seus educandos. Direção essa que vai ao encontro da busca de um mundo de pessoas autônomas, de caráter nobre, habilidosas e que saibam valorizar o conhecimento e a prática (práxis), o coletivo e o individual. Muito há que se caminhar nessa direção a fim de respondermos perguntas mais objetivas, de caráter mais próximo as atividades a serem desenvolvidas, o que pretendo seguir buscando em novas etapas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2009

DELORS, Jacques et al. *Educação um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

FILHO, Juarez Bergman. *Análise e criação de literatura musical como ferramenta da metodologia contemporânea do ensino do violino em sua fase inicial de aprendizado*. 2010. Dissertação (Mestrado em Música). Curso de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Paraná.

KLEBER, Magali Oliveira. *A Prática de Educação Musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. 2006. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Fábio Silvestre da. *Publicação eletrônica*. Mensagem recebida por edwinludtke@advir.com em 27/10/2010.

SILVA, Fábio Silvestre da. *Publicação eletrônica*. Mensagem recebida por edwinludtke@advir.com em 08/04/2010.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é Amor*. Tradução de Anne Corinna Gottberg. Rio grande do Sul: Gráfica Pallotti, 1994.